ALEXIA

Um livro de
Bruno Sorc

Bruno Sorc

ALEXIA

Cenário Underground Vol.1

ALEXIA

Cenário Underground

Vol.1

Copyright©**2013 by Bruno Sorc**

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem autorização prévia do autor.

Autor: Bruno Sorc

Editor: Bruno Sorc

Arte da Capa e Contra-Capa: Caio Cesar

Edição da Capa: Caio Cesar

Revisão: Bruno Sorc

Meu quinto livro e o primeiro a me enrolar nesta parte. Alexia é um livro extremamente importante para mim. Não que os outros não sejam. Pelo contrário, são demais!! E por motivos mais que especiais.

Mas este aqui, vejo que será o começo de tudo. Não só o começo desta saga, mas o começo de muita coisa boa.

Dedico este livro, não só aos meus pais Magda e Flávio. Aos meus familiares e amigos (que de tantos, nem caberiam todos os nomes aqui), a minha namorada Dienifer que um dia ainda me dará uma filha, que batizarei de ´´Alexia``. Como também, dedico estas páginas de tanto esforço a quem volta e meia, brigava comigo. De sair na mão e tudo mais. Ao Destino. Que agora, está ao meu lado,

Espero que você leitor curta muito ^^

Obrigado pelo carinho e oportunidade

SUMÁRIO

Capítulo 1 – **Começando a limpar as celas** - *pág 9*

Capítulo 2 – **Fiéis à uma Igreja vazia** - *pág 47*

Capítulo 3 – **Sou um Purplee** - *pág 91*

Capítulo 4 – **A vida não passa de uma mijada** - *pág 133*

Capítulo 5 – **Arena, a casa de apostas** - *pág 185*

Capítulo 6 – **Seu nome, Deubranco** - *pág 251*

Capítulo 7 – **Algeme os Agentes** - *pág 299*

Capítulo 8 – **Guerra particular** - *pág 351*

Capítulo 9 – **A hora do tudo ou nada** - *pág 411*

Epílogo – **Realizando um sonho** - *pág 453*

Capítulo 1

Começando a limpar as celas

Escuridão. O som de passos firmes e respiração rápida tira o silêncio do caminho. Portas são abertas e em seguidas fechadas, trancadas. Com voltas de chaves ou acorrentando-as novamente. Um corredor com um pouco de luz é visualizado. Passos fortes. Passos rápidos. O vulto se arrasta em meio aquela bagunça. Pilhas de móveis de escritório, apodrecendo sua madeira nos cantos mofados por onde se passava, dezenas de mesinhas e armários de metal, se deteriorando, se entregando as ferrugens pelos cantos, aqui e ali. Uma última porta. O som dos passos de quem se aproximava a esta porta, dava vida aos berros e resmungos vindos lá de dentro. De quem estava preso ali. Um imenso cadeado com um especifico e caricato ´´*smile*`` diferenciado. Com um risco grosso e profundo na peça que trancava a porta, o rostinho tinha um diferencial. Uma linguinha para fora. A chave gira o mecanismo que destrava a tranca. A porta, se abri. O som abafado, da lugar a um som vivido de raiva e desespero, por quem clama e quem ameaça.

Um pequeno salão. Retangular e extremamente úmido. Havia cheiro de urina muito forte no ar. Sujeira do centro até as grades em ambas as laterais. Na parede da esquerda, eram exatas quatro celas. A primeira alta e ´´fina``. Não deixava qualquer ´´ser`` ali dentro, se agachar ou curvar-se. A segunda era dupla, era bem mais larga que a primeira, mas era dividido em dois. Exatamente na metade. A quarta

cela, era a única normal. No lado oposto. Um ser adormecia no chão molhado, supostamente pelo seu próprio mijo e dos demais. Tinha acorrentado, braços e pernas a parede atrás de si. Mais uma cela dupla, de dois andares ao lado. Como gavetões. E uma caixa de madeira enorme, cheia de furos, para que o quer que fosse que estivesse residindo ali, vai saber por quanto tempo, não morresse asfixiado.

Oito seres ao todo. Oito nomes escritos em plaquinhas nas celas. Menos a que usava um pedaço de papel, preso as grades da mais fina. Sua placa não existia mais graças à ferrugem do local. Na outra, letras pixadas em uma caixa torta ao fundo e letras de forma, quase infantil no azulejo do sonolento e enfraquecido preso. Da esquerda para a direita, de cima pra baixo, estava nessa exata ordem: *Juca, Alexandre N. , Tucano, Joel P. , Laerte M. , Roberto B. , Roman R. , Affonso E.* Enfim no meio das vozes másculas e vorazes do ressinto, uma doce melodia sai dos pequenos lábios de uma garota enquanto estocava o ar.

- Ainda só oito?! - fez carinha de brava de um modo extremamente jovial após terminar de contar - Magnum tá me tirando já... - cruza os braços com força - Isso que da inventar de pagar adiantado. Negrão lá ta me enrolando já. - sai esbatendo a porta ao som de palavrões e ameaças, da integridade física até a suas partes intimas do rapaz.

Voltou algumas portas escuras. Em seu molho pesado de chaves, sacou uma meio torta e abriu uma grade. Entrou. Som de ziper na escuridão. Sua pequena jaqueta cai no chão. Em seguida sua calça apertada é retirada com esforço. Nenhuma de suas belas curvas dava

pra ser apreciados naquele lugar. Um macacão é pego numa prateleira mais alta. A iluminação ridiculamente limitada, deixava que apenas um pequeno facho de luz naquele ´´armazém``, desse as caras. Parecia uma ferramentaria, pelo número de peças e coisas de metais que estavam jogadas por onde dava pra enxergar. O macacão escuro e imundo de graxa, foi vestido. Seu pequeno corpo tomou formas maiores. Impressionantemente lembrava muito um homem. Apalpou por vezes os bolsos das novas vestes procurando algo. E encontrou. Em seguida ela apanhou alguma coisa em uma das paredes escuras. Não era bem o que queria e a jogou pro lado. Outra errada, fora jogada mais longe pela extensão daquele balcão. Até que achou a que queria, e levou até a cabeça. Uma máscara. Era uma máscara. Pegou e a colocou. Cobriu seu cabelo cumprido com a toca do macacão. Saiu trancando a porta após tirar um carrinho de mão, desses de pedreiro, de dentro do quartinho.

O cadeado do ´´*smile* mal educado`` fora aberto novamente. Ela entrou com uma certa marra. Seu andar estava diferente. Empurrando o carrinho adentrou e o esbateu com tudo. O som foi alto, assustando os mais enfraquecidos e sem fé a fuga, e emputecendo ainda mais os revoltados. Eles pensaram ser o negrão que os sequestraram. Não entenderam o porque, caso fosse mesmo o sequestrador de antes, se esconder dentro daquela máscara, estranha, parecia um pinguim, retalhado e com costuras. Alguns pensaram que talvez fosse mais um a mando da garotinha que entrara á pouco.

- Hunm... - soltou por dentro da abafada máscara que a fazia transpirar como uma louca. O som foi praticamente inaudível - Queria começar pelo Laerte mas... Não... começarei de baixo. - falava

tão baixo, que parecia que apenas estava pensando. Que estava em dúvida no meio daquele ´´presídio improvisado`` - Pelo senhor Nappa. - caminhou até a parede da esquerda. Nas celas do meio. A parte de cima havia um cara muito nervoso. Meio trêmulo mas selvagem. Parecia perigoso. Na plaquetinha: ´´*Alexandre N.*``. O ´´*N*.`` era de ´´*Nappa*``. Sua ligeira e silenciosa mão direita, sacou do bolso uma seringa e como um vulto fez com que a penetrasse em uma estocada só no pescoço da vitima. Liquido sendo espremido para dentro. Seringa vazia. Sem tempo de reação ou tentativa de defesa do rapaz. Olhos fechando. A garota buscou em meio ao molho de chaves específicas e a encontrou já girando ela dentro da tranca da cela. A porta se range quando ela a esbate para trás deixando completamente aberta. Uma chuva de falas e gritos vem lá de dentro. Ofensas e mais ameaças tomam seus ouvidos. Tomam todo o ressinto avançando corredores a fora. A mascarada puxa o rapaz para fora, que cai como um saco de batatas no carrinho de mão. O amarra de precaução. Com alguma dificuldade força o movimento, ao pegar um certo embalo, anda com mais facilidade através da pesada porta. Cadeado tomando o seu lugar, e emitindo o som de que estava fazendo o seu papel.

Um corredor chega ao seu fim. Outro logo passa. Encontram uma porta de aço daquelas de correr, por um pequeno e estreito trilho no chão. Ela tem muita dificuldade, mas consegue vencer a ferrugem e a arrasta até o final. Após levar o carrinho até o meio do salão, vencendo aquela escuridão absurda, o abandona ali, virando o carrinho para o lado, após tentar derruba-lo de frente. Ele cai feio. Mas sem sinais de vida do rapaz. A garota dentro daquele macacão, o deixa amarrado e sai. Larga a porta aberta, deixando apenas aquele

facho de luz vencer o breu total. Volta para o seu ´´depósito`` particular. Tirando a grossa roupa, o jogando em um canto ao lado, da onde havia deixado o carrinho. Repousando sua máscara de material curioso em cima do balcão, começou a procurar por algo. Pegou uma lata. Parecia uma lata de tinta. Devia ser, o escuro não deixava ser ´´claro``. Apanhou também uma ferramenta enorme e colocou no ombro. A equilibrou e começou a caminhar para fora.

- Mas que porra pesada... - trancou a porta - Tenho que correr... Nappa já deve estar acordando.

Voltando ao salão, ela já percebia alguns gemidos, de quem estava acabando de se reanimar. Ele lá de dentro, sentia seu rosto arder nas partes raladas e a lateral de sua cabeça doer graças a pancada da queda. A mulher fechou a porta com dificuldade. Andou na escuridão. Jogou o que trouxe em algum lugar, ela mesmo não sabia de sua posição exata. Sentou no mezanino de frente ao seu companheiro de sombras. O ficou observando. Pelo menos ela olhava para onde vinha o som. Nenhum via absolutamente nada. Não existia certezas ali. Ela cruza as pernas sensualmente. Balançava os pezinhos. Esperando ele realmente acordar de vez.

- Arghhhh... - lambeu o canto da boca - Que merda é essa...?? - tenta se levantar, seus músculos estão com a forte composição da droga que ela havia injetado em seu pescoço - Você esta ai?? - perguntou ofegante - Garota você esta ai?? - falou mais bravo mas ainda sim com o olhar perdido - E você negão?? Não é macho de aparecer hein?? Me pegou de surpresa, né seu lazarento!!!! - falou com raiva e tom de mentira - Me solta. Me de uma chance de te porrar filho da mãe!!!! - ele sabia o tamanho do negão, não queria isso. Blefava - É

você ´´Senhor Pinguim??``

- Ownnnn. - Soltou baixinho.

- Fique sabendo que eu odiei sua máscara!!!! Coisa mais ridícula, por que não mostra essa sua cara para eu... - algo que vinha voando no ar encontra seu rosto. Um barulhão de metal. Pegou na transversal de seu rosto. Uma peça de metal, redonda e achatada. Talvez uma tampa. Machucando bastante a gengiva a cima de seu canino direito - Aiiii... - gemeu pós-pancada. O susto e a moleza, que o seu corpo se encontrou, o derrubou para trás - Filho d pu... - foi interrompido novamente. Desta vez, com uma agressividade bem reduzida.

- Não fale mal do Pinguim!!!! - gritou como uma garotinha - Não é porque inventou: ´´Senhor Pinguim`` e eu amei, que vou deixar que o ofenda!!

- Ah... é a garota que esta ai... Pera... - tentou ao menos sentar, tirando a face do chão - Ou estão todos aqui??

- Apenas eu. - respondeu rápido.

- O porque da escuridão?? - questionou.

- Bom... - nem ela sabia. A falta de iluminação do local, escondeu a maior cara de dúvida que aquela mulher poderia fazer durante toda sua vida. Ela então resolve bater palmas após se colocar meio de lado, ainda de pernas cruzadas, em uma ângulo talvez mais sexy, mais imponente, talvez mais ameaçador - ...não tenho nada a esconder. Estava apenas esperando a boneca ai acordar. Sei como é foda ligar a luz enquanto dormimos. Isso não é humano. – brincou

sobre as lâmpadas que foram acesas graças ao sistema montado para responder as palmas.

- Acordar de cara no chão é né?? - sorriu ainda com um dos olhos fechados pelos pequenos ferimentos - Você é mais linda do que eu conseguia ver pelas grades. - sorriu tentando parecer bonito. Ficou ali observando ela e suas roupas escuras. Um espartilho preto brilhoso, realçava o volume de seus seios tatuados e deixava claro a bela cintura, mas parecia ter sido comprado em um sex shop e tinha cara de ser comestível com aquele shorts jeans de um rosa fluorescente, que não escondia absolutamente nada, daquelas grossas pernas. E ele, estranhamente, sendo um homem que nunca opinou em algo assim, não se conteve e perguntou antes que ela falasse qualquer coisa sobre seu elogio - Meu... o que que é esse shorts rosa quebrando todo a visual do espartilho??

- Você é gay?? - riu.

- Não... mas você absolutamente não sabe se vestir, tipo tá bizar... - o tênis dela voou, mais uma vez sem chance para desvio. Uma sapatada na cara. Novamente ele cai. Sua cabeça quica.

- Hey!!!! Que que tem meu look?? - se levantou e deu uma voltinha pra ele ver. Ele deitado olhou bem para ela e suas curvas. Baixinha mas com um shorts de um rosa tão gritande, tão choque e curto daquele jeito, lhe dava pernas enormes e branquelas. Descalça de um pé, usava calçados de skatistas. Tênis enormes não só para os lados como de costume, mas ela costumava usar alguns números, maior que o seu - Perceba que meu ´´pisante`` esta combinando vai!! Preto com detalhes e cadarço rosa. Então pronto!! Não tenho que te dar

satisfação!! – discutia moda com o seu prisioneiro.

- Bom se você assim... arghh - sentou-se novamente, desta vez mantendo suas pernas totalmente esticadas - ...deseja. Que assim seja. - sorriu, demonstrando ter traços também de alguém bonito. Desejável. Um homem de quase um e oitenta, com cerca de oitenta quilos, nada de músculos e mais músculos, mas definitivamente bem distribuídos. De um loiro de tom escuro, tem cabelos cada vez mais bagunçados e cavanhaque. Olhos cor de mel e sobrancelhas bem grossas. Traços finos porém bem másculos - Ei... - se espantou - O que há em seu olho??

- O que tem o meu olho?? - se fez de boba.

- Olha garota... você é linda. Mesmo. Até o piercing estranho escondido no nariz é aceitável. Mas seu olho... - virou um pouco a cabeça com um certo charme - ...é um tanto exótico.

- Só porque ele é rosa?? – sorriu surpresa por ele perceber o seu septo furado.

- É lente não é?? Pergunta besta essa minha... - balançou a cabeça negativamente rindo - Com toda certeza que é.

- Não. Até porque não compraria uma lente só não é mesmo?? - alfinetou enquanto percebia a cara de surpresa dele.

- É porque esta tão... real. Parece mesmo que é a cor de um de seus olhos. – olhou bem de um para o outro diversas vezes – Esse olho, ignora totalmente o tom mel do outro.

- Exato. - foi rápida.

- Por que ele é assim?? – tentou mais uma vez.

- Um chute causou isso. - fechou os olhos, esperou um tempinho para dar uma ênfase maior para a história a ser contada - Um rapaz chutou a barriga de minha mãe enquanto ela estava grávida. lesionando meu globo ocular ainda em formação. Todos só foram ver isso quando eu nasci, óbvio. Mas após uma pesquisa feita pelos próprios médicos, através de perguntas a minha mãe, acabaram levando a se lembrar desse fato ´´ignorante`` feito em cima de minha pobre mãe. - transpareceu estar triste - E a cada ano que se passa, se torna ainda mais rosa. - sorriu graciosamente.

- Ok. Ok. - foi ríspido - Vamos aos negócios... - bufou impaciente.

- Que negócios meu querido?? - sorriu cruzando os braços.

- Não sei ué. Me diga você. - a intimou com ar de deboche - Sabemos que você me conhece.

- Isso não há dúvidas Alexandre Nappa. - deu as costas e caminhou até o mesânino novamente.

- Então logicamente, ambos sabemos quanto de dinheiro tenho guardado de baixo do meu colchão, certo?? – pareceu ser sarcástico.

- No colchão?? Que perigo hein. Se a empregada for arrumar a bagunça que você deixa, vai pensar que chegou ao final de um arco-íris. - apanhou jornais e fotos voltou para o lado dele, caminhando.

- Não tenho empregada. Sou pobre. Nasci e cresci em meio a humildade. Um lar sem pai e com dificuldades. - tirou o sorriso, mas mantinha o deboche.

- Humn... interessante. Igualzinho a mim. Porém nunca roubei ninguém. - tirou o sorriso gostoso e grampeou um falso.

- Balela. Você é mais podre do que eu.

- Porque??

- Roubei de ricos. Gente de poder. Você faz pior sequestrando um pobre. Aliás, sequestrando e mantendo em condições desumanas, diversas pessoas naquele quartinho imundo.

- Sou desumana com animais. - abriu o jornal enquanto andava, fazendo ele cobrir seu rosto e encobrir suas expressões.

- Animais?? Escuta aqui sua vadia... - começou falar cuspindo no ar - ...não sei o que você acha que eu fiz, mas eu ROUBEI aquelas joias. ROUBEI aquela grana. Eu não matei ninguém. Não cheguei a ferir ninguém!! - a encarou.

- Alexandre Nappa... que eu saiba na sua ficha, você já foi fichado por esfaquear uma dona de casa. - abaixou o jornal e o olhou com cara de bosta. Ele desviou o olhar e ela levantou o jornal - Faz tempo isso né?? - rasgou ele no meio e enquanto o amassava o jogou em sua cara - Ex mulher??

- Não... não vou falar sobre isso. – se virou.

- Tá. - sentou no chão, de frente para ele.

- Tsssc!! - virou a cara - Vai ficar ai??

- Porque?? Te incomodo?? - encarou.

- Sim. - encarou de volta.

- Foda-se!! - meteu um tapa na cara dele. Se levantou e o chutou com toda a sola do pé. Faltou gritar ´´This is Sparta!!``. Ele caiu reclamando. A garota chutou três vezes seu rosto, seguidas vezes. O primeiro meio que ele aparou com o ombro. O segundo foi em cheio, o último já com o nariz liberando sangue à vontade, nem sequer foi visto antes do encontrão - Quando essa dor parar de incomodar você começa falar sobre aquela pobre moça esfaqueada.

- Aiii... aa... iii... glurb - puxou e cuspiu sangue. Tentou se levantar com raiva pra tentar de alguma forma brigar, ir pra cima, machucar a sua agressora, mas sem forças para tal. Por mais que o efeito tivesse passando, ele não retomava a sua energia, explosão e força - Que merda você quer??!!

- Quero saber sobre a moça.

- Pra que?!!! INFERNO!!!! - se ajoelhou - Quanto você quer... para de bancar a boa moça, ou descontar sua TPM em mim. Fale logo. Como devo pagar?? Dinheiro?? Jóias?? Transfiro para uma conta su... - foi interrompido.

- Sabe a tampa que lhe joguei?? - andava se distanciando dele novamente, levando o objeto que ela tinha atirado nele ainda a pouco, ignorando tudo que ele falava - É desta lata aqui. - agachou e a apanhou - Isso não é tinta. É um removedor. Removedor de tinta. - sorriu voltando para ele.

- Mas... o que?? Que merda você quer?? – estava extremamente confuso - Quer me vender isso ou o que??

- Você falou que eu incomodo. Então agora me deu vontade de te incomodar mesmo. De fato... - passou o dedo no fundo daquela espuma branca, quase com a textura de esperma, e um cheiro até que familiar - Isso remove qualquer tipo de tinta. Faz com que ela se descole da superfície que ela se encontrava colada a minutos ou a anos em segundos. Instantes. – falou impressionada.

- Você quer me machucar agora é?? E a grana?? Eu já falei, me soltando eu te dou o que... - outra cortada, dessa vez, ela fora bem mais agressiva.

- CALADO CARALHO!!!! - a lata girou no ar. Alexia segurando firme no seu arco de suspensão o girou no ar arrebentando na lateral de seu rosto. Voou o liquido de seu interior para longe. Nappa caiu com tudo. Zonzo e com uma fenda no supercílio esquerdo - Agora sim, posso ver como isso, que esta queimando meu indicador, reage ao entrar na carne. - mergulhou seu dedo lambuzado na recém-nascida ferida.

- ArghgHgHGHHERHHHHGHHHHHHH - se debateu - Mas que INFERNO!!!! O que você quer????!!!!

- Você morto. - respondeu com toda sinceridade do mundo.

- Por que?? - deitado levantou a cabeça, olhou com toda raiva do mundo com apenas um olho aberto, o outro se mantinha segurando o latejar se seu supercílio - MAS POR QUE??!! - Não conseguia uma resposta.

- Olha... - foi até o mesânino, havia um galão de água - Essa merda queima né?? - jogou bastante tirando de toda a superfície de seu

dedo - A água faz a dor triplicar por uns instantes, e em seguida tira todo e qualquer incomodo. - fez careta ao parar de derramar o refrescante liquido em sua pele - Porém se o local aonde o ácido deste remover for aplicado já estiver molhado. Eu chutaria uma dor multiplicada por dez. - sorriu - Mas como sou tão boa em química como meu pai era. Não sei absolutamente bosta nenhuma. - jogou água no rosto de Alexandre. Retirando aos poucos a substancia infernal de seu machucado. A sua cara de dor aumentou e em seguida se aquietou.

- Quem diabos... – respirou fundo, e lutou com a água para abrir os olhos – Quem diabos é vocês?!!! - indagou.

- Ah é né... nem me apresentei. - sorriu fechando os olhinhos - Nossa é difícil ser uma torturadora como eu planejei... eu to esquecendo coisas... vou anotar isso de me apresentar - sussurrou olhando para o chão, ignorando toda e qualquer sensação de presença dele - Eu sou a Alexia. - enfim respondeu e estendeu a mão para que o rapaz amarrado com ambos os braços para trás apertasse a sua mão.

- Não perguntei seu nome, sua louca!! Quero saber quem é realmente você!! – esbravejou ignorando a impossibilidade de ocorrer aquele ´´cumprimento``.

- Ai... isso foi grosso da sua parte. - virou com toda delicadeza do mundo o balde em seu rosto. Empapou todo seu cabelo e gola da camisa - Mas continuando... - deu as costas enquanto ele berrava. Começou dar voltas em círculos em torno dele - ...eu sou uma garota realmente difícil. Tive que trabalhar com algo que sempre achei o máximo. Sempre me desestressou, mas... não é mais pra mim... fiz

pouca coisa produtiva... talvez. – olhou para o outro lado, pensativa - Talvez não. - parou, observou a cena com o indicador nos lábios, fazendo pose de concentrada. Estava focada no próprio assunto. Em responder aquela pergunta, mal ligava para o homem que torrava todo seu rosto - Eu sinto algo que não sei definir... tive que sair do meu antigo trabalho. Tenho que mandar uma mensagem ao mundo antes de morrer. Quero deixar um legado a ser apreciado e debatido por outras pessoas. Quero melhorar o Brasil assustando as autoridades. Quero usar meu dom assim como meus pais usaram os deles. Quero usar minha facilidade em matar pessoas, para fazer a coisa certa. - se virou rápida – Em especial, quero achar alguém. Descobrir algumas verdades. Entende??

O maior assaltante dos últimos anos estava em pé. Em movimento. Correndo de olhos fechados, cabeça derretendo e com toda fúria que a dor poderia lhe proporcionar, indo de encontro à voz que não parava de matracar. Alexia se assustou com a cena, e o encotrão era inevitável. Ele vinha de cabeça. De olhos fechados. A torturadora girou nos calcanhares de repente, acertando um chute com a parte traseira do pé. O acertou com um de seus calcanhares. Um golpe inverso, trazendo seu pé ao contrário, para dar mais ênfase ao golpe e sofrer menos com o impacto. Pegou na lateral do rosto, da direita para a esquerda, o levando ao completo desmaio. Sua queda foi bizarra, caindo em meio à zona de entulhos e ferragens do galpão, que ficava encostada no paredão lateral. Alexia não sofrera nenhum dano, nenhum arranhão. Mas se assustou com a atitude do homem.

- To falando que é mais difícil do que planejei... - fez uma voz fofa e cara de chateada - Preciso mesmo promover modificações quanto a meus presos. - aproveitando a total falta de movimentos do homem

nocauteado, saiu deixando a porta aberta. Voltou em seguida com correntes, furadeira e parafusos enormes. Furou o centro do galpão. Acorrentou o rapaz ao chão sem tirar suas cordas e tirou toda aquela ´´espuma``, de seu rosto. Ficou impressionada com tamanho dano na pele daquele rosto que era tão bonito. Caminhou até o mesânino novamente e bateu palmas após puxar um pouco da porta. Desistindo de fecha-la, após a surra que ela lhe deu sem se mexer, com tamanha insistência da ferrugem nos trilhos, gostou ao olhar para trás, aquele facho de luz só sobre ele. Sentou-se no escuro. Aguardou o cara acordar.

Minutos depois, a voz pesada de rancor dava sua graça no ar.

- Você sabe que estou acordado não sabe?? - sussurrou sentindo dor. Nenhuma resposta - Você esta ai não esta?? - nada. Silêncio. Ele dificultosamente, sentou, levou tempo, após exatas cinco tentativas, com ele caindo para os lados, pra frente, e uma das vezes nem se levantando até a metade - Olha. É muita grana. E roubei de gente rica. Não tem porque me crucificar. Você é da policia?? – pensou direito fechando os olhos machucados - Não, acho que não. Você não leva jeito de ´´Dexter``. - ele escutou algo, parecia ser uma risadinha abafada pelas palmas das mãos - A menos que você seja rica, criadinha em berço de ouro. Talvez seja da própria família dona daquela montoeira de ouro, bom... Ai entendo sua raiva. Mas me batendo ou ameaçando não vai obter sua grana de volta.

- Não uso sentimento. Uso a razão. - a voz veio do lado contrário da porta desta vez.

- Então já disse. Pare com esta babaquice, que vou lhe dar uma boa

quantia. Prometo nem querer me vingar depois. - sorriu procurando ela no escuro, mas não conseguia se manter olhando em um ponto fixo.

- Não. Não quero seu dinheiro imundo. Já disse. - a voz se movia.

- NÃO?!?! - berrou cuspindo no ar - QUE INFERNO!!!! - estava atrapalhado olhando para todas as direções incessantemente - O que você quer hein?? O QUE??!!

- Já te disse. Te matar. - sua voz era linda e séria.

- Então por que não mata?? - questionou.

- Eu sempre matei. Isso não é problema meu caro. Ganhei a vida assim. Ganhei a vida em cima da morte. – explicou – Eu sempre apontei o dedo pra quem o ´´Ceifeiro`` poderia levar.

- Então, viu?!?! Você é pior que eu!!!! - esbravejou novamente.

- Não. Eu mato gente como você. Odeio pessoas como você. – dava essa ênfase - Odeio crime.

- Matar é crime, criança. - provocou.

- Não animais da sua espécie. - retrucou.

- Então me mate sua puta. Anda. Mata!! - tentou e tentou e ficou em pé. Foi ai que percebeu as correntes novas que o mantinha inteiramente curvado para frente, corcunda, graças o curto comprimento em seus punhos para trás - Mas... mas que merda... OLHA AQUI!!!! - voltou a gritar olhando para todas as direções,

sempre rodando e se atrapalhando com os novos adornos de ferro presos ao seu corpo - Me solte agora se não você irá morrer de uma forma extremamente dolorida!!!! E EU MESMO VOU GARANTIR ISSO!!!!

- Uau. – soltou em alto e bom som, ele identificou o lado que vinha - Pra quem não mata só rouba de gente rica, você é bem fácil de mudar. - gargalhou mostrando outra posição.

- Eu to puto. - babou.

- Legal. - falou por falar.

- Daria tudo, agora. TUDO que roubei e mais um pouco ainda, pra terem chutado com bem mais força a barriga daquela vagabunda. - Alexia freio o andar - Pediria para que pisassem nela. Chutassem até você sair pela boca daquela mulher nojenta... - ela começou andar enquanto estralava os dedos - ...aliás, eu mesmo. EU queria estar lá. Eu chutaria ela inteira. Começando pelo belo rosto que ela devia ter pra você ser tão linda!! Cadê ela hein?? CADÊ ELA??!! - gritava enquanto Alexia apanhava algo e ia rapidamente de encontro a ele, se guiando na total escuridão até ele iluminado pela luz de fora - Comeria ela neste exato momento!! Aquela velha!! Estupraria ela e chutaria aquela barriga daqui uns meses sem parar... - foi interrompido por uma marretada em seu joelho. A bruta ferramenta de muitos quilos de ferro, veio na contra-mão de sua articulação com tudo. O estalar deu pra ser ouvido nos corredores. No segundo seguinte os presos podiam ouvir seus berros .

Todos naquela pequena prisão, se entre olharam.

- Que porra foi essa... - gelou o Roberto.

- Meu Deus do céu... - passou as costas da mão pra limpar o suor Affonso.

- VAGABUNDOS!!!! VOU MATAR TODOS VOCÊS!!!! - ameaçou meio que trêmulo o Tucano, e foi encarado pela cara de bosta do frio Joel, e pela incógnita cara do Roman.

Enquanto os berros de desespero eram contínuos nos ouvidos de Alexia, que parada no mesmo facho de luz, observava Nappa com um fratura exposta gritante a sua frente, se debatendo cada vez que, sem saber o que fazer com a dor, acabava tentando por a mão no próprio osso pra ver se ajudava a aguentar tamanha dor. Sangue já empoçava a sua volta. A garota se mantinha em pé. Parada. Com a marreta dependurada no ar em sua mão direita. E o compulsivo som de ´´suck, nhac, nhoc, suck``, que vinha de sua boca. Sua canhota de duas alianças, matinha preso um pirulito entre sua nervosa língua. Esperou até ele olhar em seus olhos. Encarar novamente o seu rosa. E antes dele pensar em implorar ou continuar no suborno em vão, tomou três golpes com a mesma marreta, de cima pra baixo. Duas no outro joelho, de frente e de lado, fraturando a perna em duas partes, fazendo as pontas de seus próprio osso, saírem pra fora de sua derme. A última foi caprichosamente na canela. Deixando suas pernas com pontas para todos os lados. E os gritos aumentaram.

- Você me enoja cara. - saiu bufando. No meio do caminho, antes de passar pela porta, derrubou a marreta. Alexandre percebera isso, e com muita dor e desespero tentou ir se rastejando até lá para se armar com tal coisa, sem sucesso. Era muita dor. Nem a adrenalina

da situação lhe deu energia pra tanto. Ele congelou quando ouviu som de patas no corredor. E se aproximando. Patas ciscando o chão, como se alguém evitasse o avanço delas. Aos poucos ele pegou entre as lágrimas que teimavam em inundar seus olhos, a cabeça de quatro cães cruzavam porta à dentro. Eram vira-latas mesmo. Sem pedigree. Mas eram grandes, sujos e esfomeados. Atrás, vinha quase sendo ´´puxada``, uma garota com cara de invocada. Alexia segurava uma corrente de cão com coleira de spikes e tudo, duas cordas velhas e uma cinta masculina no pescoço do bicho. Tudo improvisado para amarrar os animais.

- Me diz uma coisa Nappa. - freiou e segurou os cães que como tubarões, sentiam o perfume tentador do sangue e se debatiam procurando um meio se soltar. Alexia o encarava como se encara um pedaço de bosta antes da descarga - Você me mataria de uma forma tão dolorida assim?? - sorriu sem mexer um músculo que fosse, pra tirar aquela expressão de diabo de sua face. Ela soltou os cães - Cachorrinhos gostam de ossos. - As patas quase faíscavam no chão. O ´´nãoooo`` berrado, foi absurdamente alto. E depois da primeira mordida, só era ouvido sons guturais e choro de um homem, inteligentíssimo e habilidoso. De um homem que era a maior noticia da mídia nos últimos sete dias. O cara que tirou milhões da maior joalheria de São Paulo. Alexandre Nappa, parecia um pedaço de pano entre os dentes dos cães. Cães nos quais brincavam com seus ossos, dilaceravam suas feridas, comiam sua carne e focinhavam seus nervos ao máximo. Em instantes a voz sumira. Os cachorros ainda enérgicos em cima do corpo, se debatiam por nacos daquela carne filha da puta, mas a consciência do rapaz havia lhe deixado. Não se sabe se pela perda absurda de sangue aos baldes, ou uma parada

cardíaca por tanto medo e dor, a dor também poderia lhe ter apagado o cérebro, como se apertasse um simples interruptor. Não se sabe a causa da morte. Então, em alguns poucos minutos, ela apenas foi até o corpo e cuspiu em seu rosto pálido e sem vida - O bom dessa sujeira toda, é que sei que nunca mais irá falar da minha falecida mãe. Seu lixo!! - beijou as duas alianças prateadas, em seu dedo anelar. Caminhou para fora, deixando os animais e o ´´animal``. Foi até um outro cômodo, algo pequeno demais para um galpão, porém enorme para um quartinho. Lá estava improvisado uma cozinha, bem simples, mas que não devia nada para nenhuma residência por ai. Com fogão, armários sujos, pia e uma geladeira. Suja e um pouco maior que ela. Geladeira que fora aberta com agressividade, e deixou manchas na porta. Manchas provocadas com tanto suor que escorria de seu corpo. De lá, fora tirado uma lata de refrigerante. Ela abriu e encostando a bunda na pia, bebeu sua Coca-Cola, pensativa.

Em um lugar de alta classe, como o bairro do Morumbi, havia uma pequena mansão com colunas gregas em um tom de branco lindíssimo. Peças brutas de artistas contemporâneos enfeitavam todo o gramado. No interior, já dava pra sentir o clima que o dono da casa gostava de criar com aquele tanto de peças exóticas e trabalhos estrangeiros de países pequenos do Leste Europeu. Na maior suíte daquele segundo andar, um rapaz com braços magrelos, e por mais que aparentasse ser jovem, possuía uma barriga grande e bem dura. Tinha também um cavanhaque de ´´Tony Stark``, e pinta de ´´Pierce

Brosnan``. Estava se divertindo com uma câmera e duas modelos.

- Humnm... - gemeu forte - Suas danadinhas... Uila e Lindsay... Nomes bem exóticos. - sorriu passando a mão na redonda bundinha da menor.

- Nomes de guerra querido. - interpretou algo sexy, enquanto que com as pernas prendia o seu pescoço.

- Hahaha!! Que delícinha!! - sorriu levantando com força e a colocando em seu colo, a encaixando com gosto.

- Ai como você é gostoso... hunm... GOSTOSO!! - a morena em suas costas, passava a mão forte nos seus ombros e quando gritou apertou o volume em sua cueca - Deixa eu mamar, deixa?? Deixa eu mamar, vai!!!! - enfiou sua língua por inteiro em seu ouvido.

- Deus!! - arrepiou-se todo, enquanto apertou os seios da loira em seu colo - Eu vou deixar você chupar tudo que quiser meu benzinho... - repousou a câmera em seu criado mudo e deitou-se em cima da garota menor.

Alguns gemidos, nenhuma penetração até o momento. Pegação gostosa e quente, todos excitados. Reviravam os lençóis de um lado para o outro. Duas garotas extremamente lindas, putas de altíssimo luxo. Realmente modelos.

Um leve som vindo do corredor. Um enorme estrondo. A porta indo a baixo. Cinco agentes entrando no quarto se dividindo em pontos estratégicos. Todos armados com suas pistolas .45 ou as boas e velhas .380, menos o mais velho deles, que teimava em usar seu

´´pré-histórico`` Magnum .44. Três deles, estavam mascarados, com aquelas ´´roupas ninjas`` do DEIC, e os dois da frente, com roupas sociais por de baixo dos coletes a prova de balas, exibiam seus valsantes distintivos do mesmo departamento nos seus pescoços. As garotas de programas se cobriram com a roupa de cama, O rapaz e seu cabelo oleoso, enfiou a cabeça no travesseiro ainda sentado, sem acreditar na cena. Com vergonha do seu estado e emputecido por ter sido pego.

- Ai caralho... - sussurrou abafadamente, em meio ao seu travesseiro de plumas de araras.

- Que isso bonitão??!! - o senhor bigodudo andou até ele - Venho lá da puta que o pariu pra ver esse seu rostinho de menino mimado... - puxou ele pela nuca, o tirando de seu ´´esconderijo`` - ...e você nem olha pra mim?? - dá um tapa em seu rosto, que fez tremer o quadro na parede - Você vai dormir é?? ACORDA CARALHO!! - outro tapa - Acorda filho duma puta!!!! - aperta e torce seu nariz, como se brincasse com uma criança mal criada - Acordo cedo pra isso?? Ser mal recepcionado?? Nem pra compararmos nossas barrigas meu amiguinhos?? - empurrou ele da cama pra cima de seu parceiro. Ele caiu sentado. Bateu as costas na lateral da cama, feita em uma madeira avermelhada, raríssima - Levem ele, hein. Levem, vai!! - fez um arco com a mão, duas vezes seguidas, como se fosse um sinal para que saíssem. Seu parceiro o algema apertando o máximo possível, e joga para os braços dos demais agentes. Saíram do quarto.

- Hey... – a loirinha com um dos seios para fora do lençol, chama a atenção do policial gordo e velho. Ele sorri.

- O tão falado Diguinho. - o outro policial em roupas a paisana, começou a falar - Pensei que era alguém. - sorriu com a maior cara de quem iria lhe bater, tanto é, que o próprio criminoso usou ambos os braços pra aparar um golpe que não veio - Eu devia lhe quebrar todinho. Mas deixa, vou lhe enfiar no maior Inferno que você já conheceu na vida. - apontou pras garotas enquanto saiam do quarto e mergulhavam no corredor, e o meliante levado pelos ´´ninjas`` - Comia modelos?? Comeu bem essas?? Porque agora... - deu ´´o`` soquinho em seu bíceps, recebeu uma expressiva careta de dor em troca - Serão só os tops, só corpinho de frentistas peludos e entregadores de botijão de gás suados, com as maiores rôlas que você já viu!! - deu um tapão em sua bunda e parou de acompanhá-los. Tirou uma caderneta e começou fazer anotações, voltando para o quarto. Ao transpassar a porta, pegou o seu parceiro transando com uma das putas. Ela estava de quatro na cama, e ele de costas para a porta, em pé, mandando ver. Suas calças arriadas e sua camisa mostarda sendo segurada pela única mão que não apertava aquele corpão - Mas que merda é essa Jarbas??!!

- Pow que isso?? Ela tava louca pra dá, perguntei se o cuzão já havia pago. Que mal tem?? - gargalhava ofegante, enquanto olhava com metade do rosto virado para trás - Ei garota. - chamou a atenção da morena que se vestia - Já foi paga também??

- Não. - fez cara de bosta - Ele quitaria a divida sanando alguns problemas meu. - puxou a calça e abotoou ela após por uma lindíssima blusa roxa de gola alta.

- Ah... nem excitada, nem nada?? - perguntou curioso.

- Não cara. A menos... - com ar sexy mordeu os lábios, se aproximou e se debruçou em seu ombro, olhando nos olhos - ...você poderia sanar esses... - foi interrompida.

- Não. - foi seco - Agora suma. Anda. - deu uma estocada para trás usando o polegar em positivo, indicando a porta.

- Babaca... - soltou e saiu.

- Jarbas. Olha... eu fico impressionado cara. - continuou com as mãos levadas na cintura, desde a hora que se deparou com a cena - Deixa quieto. - olhou bem para cara dele e em seguida para a sua aliança enroscada na camisa mostarda - Depois a gente conversa seu velho louco. - e saiu deixando ele falar sozinho.

- Vai. Vai logo Cassiano. To de saco cheio de você já. - fez cara de irritado.

- Tá cheio tá?? Cheio de porra pra mim, é?? – soltou Lindsay com a voz mais pornográfica do mundo.

- Isso benzinho. Cheio a ponto de explodir esse seu rabicózinho frouxo viu. - sorriu recebendo um cara estranha em troca - Nossa... - avistou uma pequena caixa, apanhou e olhou seu interior rindo - Esse filho da puta tinha o que, uns trinca anos?? E já usando Viagra?? Ai ai, sou um monstro sexual mesmo. Antes de entrar aqui, só escutou seus papos já estava mais duro que essa arma na minha cinta.

- Ai que gostoso!! - repetiu a voz pornográfica tirando o sorriso da cara dele.

- Olha, só me dá, ok?? Fecha essa boca que ta me irritando. -

derrubou a caixinha e segurou a pequena e frágil cintura da garota com ambas as mãos, aumentando a força usada.

Depois que as viaturas do DEIC saíram escoltando o pequeno camburão que levava o colarinho branco, o Chevrolet Caprice 1978 da dupla responsável pela investigação e prisão do 171, conhecido como Dórotti, ligou e teve seu roncar de motor apreciado. Em movimento tomou as ruas indo em direção Marginal Pinheiros. No volante o policial mais jovem, musculoso e meio ´´humano`` demais para trabalhar ao lado daquele experiente policial.

- Jarbas... foi ridículo, aquela cena. - começou o assunto com uma expressão pesada no olhar.

- A cara, eu tava com tesão, ela também. Tudo pago. Não atrapalhou na missão, tudo tranquilo. Pegamos o cara pós investigações. Sem ladainha sim?? - explica sem manter contato visual. Olhava sempre pra fora do carro.

- Você não pode simplesmente... - foi atropelado.

- Cala boca Lyoto!!!! - falou forte.

- Já falei pra parar de me chamar assim. - retrucou após segundos de silêncio.

- Você é a cópia escarrada do cara. Ama quando comparam você com ele, e fica de putaria pra cima de mim?? - fica batendo os dedos no

próprio peito encarando ele, procurando uma resposta plausível.

- Ah vai se fuder cara. Sempre preferiu o Shogun Rua, até apostou nele no último encontro deles, que eu lembro. Ele é meu mestre. – estocou o próprio peito com o indicador - Meu ídolo. Não quero que saia da boca pra fora, como você faz. - encarou rapidamente ele e voltou a manter o foco na pista.

- Dá pra ele então, ué. - falou tirando os sapatos.

- Aff. - soltou.

- Então come ele. Monta nele. Você é fortinho deve aguentar domar o meio japa. - riu após cheirar o próprio sapato.

- Chega de besteira. - falou e ligou o som, procurou uma rádio, mas sem muito sucesso de primeira.

- Sabe Cassiano, eu já te disse como eu era pobre né?? - organizou o par de sapato ao seus pés - Eu era tão pobre . Nuss... Usava só sapato usado que eu ganhava do meu primo, sabe?? - perguntou mais afirmando que questionando - Foda que sempre vinha furado, ralado ou machucado de alguma forma que só uma criança com o demônio no corpo consegue fazer. E ele, sendo menor que eu, sempre vinha com um ou dois números a baixo que o meu. - contava sua história, olhando às vezes para o seu parceiro, que respondia a procura do olho no olho e voltava a flertar com a pista - Até que um dia, meu pai recebeu uma gratificação. Uma graninha a mais por ter ajudado no parto da esposa do seu patrão. Foi ai que ele comprou minha primeira botina.

- Tão fedida quanto essa?? - perguntou fazendo uma careta hilariante sem olhar para o lado.

- Essa tem meu perfuminho, aquela era nova. - explicou pela primeira vez parecendo meio infantil e não tão rústico - Aliás, primeira zerada que coloquei as mãos. Na verdade... - riu com seu trocadilho horrível - ...os pés né. - cutucou o parceiro que odiava ser cutucado, já mostrando queda na paciência - Ela era feia e dura. Mas por ser nova e do meu tamanho, já fazia dela, a coisa mais foda do mundo. - se expressava muito violentamente dentro daquele veículo, usando bastante os braços – Foda!! Nível, comer a Vera Fischer assistindo Machete com aquele chapéuzinhos americanos que vai duas latas de cerveja sabe?? Hahahaha!!!! - estapeava suas pernas.

- Nossa cara... - embrulhou o estômago - ...que cena horrível. Mulher feia do caralho e filme ruim. - reclamou.

- É filme de macho, ô criança. - rebateu com as sobrancelhas arqueadas.

- Macho tem que ser mesmo, pra comer o ´´dragão peludo`` Fischer. Se ainda fosse a Paola Oliveira ou uma Mel Lisboa, nem ligava pro filme ruim ou beber essa ´´breja`` toda. - respondeu com certas caretas.

- Você é um kiwi mesmo em Cassiano?? - socou seu braço - Mas enfim, ele falava pra eu ter o maior cuidado do mundo , sabe?? - voltou com a sua expressão de afirmação com tom de pergunta - ´´Ó meu filho, se vê que vai trupicar. Para, tira o tênis, e bate o dedão. O tampão do dedo volta. Melhora. Sara. Temos dinheiro pra remendar nada na bota não, hein??!!``. - falou usando uma voz, como se

imitasse o pai, algo meio caipira.

- *Chamando novamente todas as unidades. Chamando todas as unidades próximas do Panamby ao Butantâ.*- soou o rádio da policia, forçando o motorista a apertar rapidamente para que desligasse o som das rádios convencionais no outro aparelho - *Todas as unidades, seguir para joalheria Guizzus. Proximo a Av. Morumbi. Repetindo...* - e continuava o som ecoando pelo carro.

- Vamos?? - perguntou desanimado Jarbas.

- Nada. Se for importante mesmo, vão nos chamar pelo nosso particular. - mostrou sua opinião.

- *Agente Jarbas e agente Borges imediatamente.* - soou o rádio portátil na cinta do velho - *O Comissário pede a presença dos dois na Joalheria Guizzus.* - silêncio - *Copiou??* - perguntou a voz da mulher.

- Puta que lá merda... - falou bravo e apertou o botão em seguida - Sim, sim. Escutamos. Estamos nos encaminhando para o local agora mesmo. - fez cara de bunda procurando apanhar os sapatos.

- Parece que a nostálgica aventura da parteira do seu pai, vai ficar para próxima. - começou a rir alto.

- Beleza. - soou normal, mas ainda sim provocativo - Você nos paga uma rodada de cerveja, mata a minha sede e ainda de quebra, tira o gosto das minhas bolas da sua boca. - começou a amarrar o primeiro sapato.

- Hahahaha!!!! - Borges não se conteve.

- *Solicitando confirmação.* - veio novamente à voz feminina no aparelho.

- Já confirmei diaxo!! Tá confirmado já. Já estamos seguindo para o local. - soltou o botão - Acelera isso. Toca pro lado da Marginal Pinheiros, que em um pulo chegamos lá garoto. - o carro derrapou como nos filmes, e o velho Chevrolet acelerou como uma verdadeira viatura norte americana - Mas vem cá querida... - voltou a apertar o botão - ...roubaram essa bimbóca de novo??

- *Não senhor. Parece que encontraram o Alexandre Nappa morto no local. Apenas isso.* - respondeu.

- Esta... morto?? - falou baixo encarando Cassiano que fazia o mesmo para seu velho parceiro - Tem corno pra tudo mesmo, né. Voltou na cena do crime e passaram o fogo no cara ó. To falando. - balançou a cabeça negativamente, puxando o outro sapato enquanto se equilibrava com o carro em alta velocidade - Acelera nossa máquina ae, que essa eu quero ver.

O carro freou bruscamente. Muita gente já estava em volta do local cercado por fitas pretas e amarelas. A burguesia dos arredores pararam em peso pra ver o tal ´´morto``. Os PM`s estavam tendo mesmo era problemas para segurar a mídia agressiva, e limitar o que poderia ser filmado do incidente, para mais tarde a própria mídia, não fazer disso algo que agredisse de alguma forma trabalho da policia, tentando acelerar o caso de maneira errada e desnecessária,

fazendo o próprio povo, apertar os militares.

Os parceiros chamados pelo próprio comissário adentraram as fitas usando suas credenciais. Depois de uma boa caminhada, sendo que o cordão de isolamento estava a metros e mais metros da tal ´´vitrine``, chegaram a ´´Joalheria Guizzus``, aonde toda a parte externa foi colocada uma lona preta, tampando o que poderiam acabar filmando lá de dentro. O tal corpo. A dupla, se entre olharam e perceberam que era coisa feia.

- Hey!! - soltou o gordinho e alto rapaz, de cabelo jogadinho para o lado, que levou à palma da mão aberta na altura do rosto, como se os cumprimentassem.

- Nosso Lyoto Mashida chegou!! - deu risada um outro oficial. Um bem menor, de cabelos bagunçados, expressão de cansaço e enormes olheiras, o cumprimentando e lhe arrancando um sorriso.

- Quando é os outros você gosta né, bichinha?? - sussurrou só pra ele, o sério parceiro seguindo até a dupla.

- Lógico. Isso é um grande elogio. Vindo de você, um cara que não aprecia um atleta como eu, parece até ser uma ofensa. - falou olhando de canto de olho enquanto andava.

- Atleta, atleta... pfff. - virou o rosto mantendo as mãos no bolso e andando para frente.

- O que temos de tão estranho aqu... - os dois frearam e se assustaram com tamanha atrocidade física. Se deparam com um corpo. O corpo de Alexandre Nappa estava exposto na vitrine, entre

as jóias, que espalhadas, ainda tinham sangue por cima de uma peça ou outra. Ele estava sentado, com os dois braços duros para trás, mantendo o erguido. Seu rosto estava completamente desfigurado, parecia queimado. E suas pernas...

- Minha Santa Teresinha... - soltou Jarbas - O que fizeram com as pernas deste garoto??!! - falou alto e assustado.

- Parece que foram arrancadas. - apontou um oficial especializado em cenas criminal e em olheiras, Josué - Ambas foram arrancadas e meticulosamente ao mesmo tempo, brutalmente, estocadas. Enfiadas com muita força em sua própria garganta. - apontou para os pontos em que o osso da própria vitima atravessa seu pescoço.

- Você esta me dizendo... - começou Cassiano - ...que alguém muito emputecido, arrancou-lhe as pernas, e usando esses cotocos. Essas fraturas expostas, como arma para furar o próprio pescoço??!! - mostrou um certo nervosismo.

- Exato agente Borges. - falou calmo e serenamente o primeiro oficial que o cumprimentou, o grandalhão de cabelo arrumadinho - Estamos todos chocados, e não podemos deixar ´´isso`` ser filmado. – apontou sorridente para o corpo - Isso em TV aberta, faria uma pressão exorbitante contra nós, dificultando nosso trabalho e facilitando o de quem fez isso. - falou cruzando os braços, o parrudo ´´quase`` loiro.

- Esta certíssimo, Claudinei. Isso é a coisa mais bizarra que já vi em todos meus anos de policia, seja nas ruas ou de cinéfilo de poltrona. - falou o barrigudo velho mal humorado, Jarbas.

- Eu também acho, exageradamente frustrante isso. E quem fez,

estava atrás dele muito tempo. Porque é clara a evidência de ser uma vingança assustadora. - falou o especialista, enquanto continuava a tirar fotos, com sua câmera dependurada no pescoço até então, sem olhar para o grupo.

- Já temos suspeitos Claudinei?? - virou-se para o outro - Josué?? - continuou perguntando Cassiano.

- Bom... - começou Claudinei - Temos o próprio dono da joalheria como suspeito, já perdera muito dinheiro e investidores, ele poderia ter se vingado. Estudaremos outras passagens dele, o que de merda já fez, quem criou como inimigos, e lógico. Temos o vigia da noite. - concluiu o ´´loiro`` e sua verruga estranha entre o lábio e as narinas.

- Por que o vigia?? - Cassiano novamente.

- Todas as investigações caíram sobre ele, na noite do crime. Tão fácil o vigia deixar ser surpreendido e rendido, não?? – sorriu como se realmente acreditasse nisso - Mas talvez, para provar que não fora ele, e tirar todas as suspeitas de cima de suas costas. Poderia ser muito bem ele, o cara a pegar este safado aqui. - deu um tapa no ombro do defunto, fazendo ele derrubar um papel pela boca semi aberta - Pra mostrar para todos, que não foi ele, não é mesmo?? Salvando o seu rabo. Alguém com medo da cadeia, faria isso?? Essa é a pergunta. Porque logo que foi descoberto que o Nappa era... - foi interrompido.

- Veja isso!! - falou alto Jarbas, indo pegar o papel da boca.

- Não pode mexer no corpo!! - tentou parar o fotografo e não conseguiu.

- Uma espécie de recado. - falou o virando parar ler - Olha aqui gente:

´´ Queria pedir minhas sinceras desculpas. Desculpas não só por estar dando trabalho aos policiais que investigam o caso, mas pelo que fiz com este homem. Não que ele não mereceu cada ferimento nesta carcaça lazarenta, mas por acabar desfigurando seu rosto. Acho que dei mancada ai. Mas além de terem o DNA, e ainda as digitais, o próprio RG dele, que deixei ai em um dos bolsos, podem também procurar por marcas de nascença, como a cicatriz no cotovelo esquerdo, e o sinalzinho que ele sempre teve no queixo, caso isso ajude-os. Queria poder pedir desculpas por alguém, com essa índole, esse caráter, essa personalidade, esses malditos ideais esteja vagando e fazendo merda a pessoas de bem e trabalhadores nas ruas. Mas fiz o que pude, limpando a bunda do mundo, tirando esse merda daqui. Tem muitos mais por vir senhores de quepe. Não se assustem. Ao invés disso me encontrem. Em seu peito, escrevi de BIC mesmo no corpo frio, um poema de meu pai. Facilitando vocês me encontrarem ok?? ``

- Ela só pode estar brincando!! - falou Jarbas bravo.

- Por que ´´ela``...?? - questionou meio perdido Borges.

- A letra é de garota. - falou olhando novamente o cartão, procurando detalhes - O jeito em que se expressa também.

- Você esta louco?? Quer me dizer que uma mulher fez isso a ele?? - perguntou Josué, o baixo rapaz descabelado - Não teria forças!!

- Nunca duvide de uma mulher traída meu caro. - falou o experiente Jarbas, levando um cigarro a boca.

- Deve ser ex-mulher dele então, por saber de marcas de nascença e tudo mais. – disse apontando - E ele, com esse assalto lindo que foi, bem planejado, deve ter tido casos com mulheres lindas e perigosas. - matou a charada Claudinei.

- Não fala bosta. - falou sério o encarando o alto e bem definido Cassiano - Abra logo essa camisa imunda dele, para lermos o poema. - tirou a sua caderneta do bolso - Vou copiar cada letra e procurar quem é este autor. Achando ele, achamos o filho dele.

- Filha. - corrigiu Jarbas, vendo já o poema ser descoberto pelo perito da cena criminal.

Caralho, cada noite esta mais fria
Cada dia estou com menas roupa, com menas vontade, menas rotas...
Sei lá. Quando passa das ´´três`` então...
O ar que sai da boca condensa, ai as idéias compensam
Fico perdido nos meus cômodos
Andando de pressa pra casa, querendo aliviar
Talvez duas ou três carreiras de frases, já me façam humano de novo
Sozinho e decidido, sei que meus dotes mais asquerosos, são poderosos
Nesse meu estado sem remorso
Sei que não exitaria em sacar e intimar
Esmurrar e disparar, disparar e voltar a esmurrar
Alertar depois que passou e urinar no traste que sobrou
Ter pena? Se não tens de mim!
Minhas melhores ereções, sempre produzidas por sonhos de vidro
Sonhos que despedaçam ao passar para as mãos delas
Quebrados por moleques desacreditados

E comentado pelos rapazes bem sucedidos
Minhas janelas como as suas não mostra e horizonte que procuramos
Apenas o que há na nossa frente, obstáculos
Problemas de várias formas, níveis e imundices
Ainda vago querendo fazer estrago, mas indo direto pro meu quarto
Descansar como um defunto, saca?
Cheio de coisas pendentes, mas dormindo, entregue
Pouco se fodendo para amanhã
Enfim estou em casa, suando e queimando uma ponta
Ponta de caneta nessa folha virgem
Suada e grudenta, a cada passada do meu braço
Isso é uma transa cara!

- Mas... não tem nada haver como o caso.. ou tem?? - perguntou confuso o velho.

- Nada. Aparentemente nada. - soltou Josué.

- Anotado. Vou procurar isso agora. - falou alto Cassiano, se movendo, já pensando em se retirar.

- Não vai não. O caso é meu. - disse Claudinei o freando - Eu procurarei. – foi pra frente, e em um movimento tentou arrancar-lhe o caderninho de suas mãos, mas não conseguiu. Cassiano o segurava com muita força.

- Anote você. - falou estapeando o seu braço para trás - Nos chamou e não nos deram o caso?? É isso?? Impressionante. - sorriu amareladamente saindo invocado - Vamos Jarbas, foda-se essa bosta. - falou já de costas para os demais.

- Boa. - saiu jogando o cartãozinho para o fotografo e levando as

mãos para o bolso - A breja você paga em kiwi. - provocou seguindo o parceiro para fora.

- Hey vocês!! - Claudinei se virando para o restante da enorme joalheria, chamou os soldados mais próximos a ele, parece que queria a atenção de um grupo, semi designado para aceitar suas ordens - Continuem investigando o dono da joalheria e o segurança escalado na noite do crime, procuraremos a família dele, sim?? - apontou para outro que vinha pela lateral dele - Você procure na ficha dele, possíveis desavenças que ele pode ter feito na cadeia ou com outros crimes. Quero que procurem ex-mulheres, hein. – deu uma leve procurada em volta - E você baixinho, copie este texto pra mim. - sorriu.

- Aonde ele pensa estar?? - se perguntou o baixinho Josué - No CSI?? - ajeitou o cabelo oleoso com uma das mãos, levou rapidamente a câmera para continuar as fotos, batendo a lente desastradamente em seu óculos. Mesmo sabendo que ninguém havia visto, presenciado tal cena, disfarçadamente continuou os cliques em ´´burst fire`` e fingiu que nada aconteceu.

Jarbas com as mãos nos bolsos de seu casaco bege, seguia andando lado a lado da jovem promessa das investigações Cassiano Borges. Nada menos que o irmão de Átila Borges, mito na corporação. O velho, baixo, bigodudo e barrigudo, esfumaçava a boca e narinas, o seu fedorento cigarro, com cara de quem não estava nem ai para o caso, mas que havia pegado no ar, a decepção do seu parceiro, que vivia correndo atrás de algo grande, para tentar provar que pode ser melhor que o irmão. O jovem atleta, se mantinha com expressões faciais firmes e duras. Lembrava uma escultura. Logo chegaram em

seu belo e raro veículo.